

Relatório da Conferência Internacional da Seção Médica sobre Psiquiatria, Psicoterapia e Psicossomática Antroposófica

Por William Bento, Ph. D. De 13 a 16 de Setembro de 2012. Dornach, Suíça

O presente relatório foi elaborado a partir da profunda satisfação e otimismo pelo impulso criador cultivado em Dornach no período de 13 a 16 de setembro de 2012. Nesse evento inaugural mais de novecentos participantes de quarenta e dois países o tornaram uma verdadeira conferência internacional. Traduções simultâneas ocorreram para cada um dos seis destaques apresentados a seguir. Mais de cinquenta workshops foram realizados. Representantes comerciais de todos os segmentos dos cuidados médicos e anímicos apresentaram seus trabalhos e produtos. Os saguões do Goetheanum estavam animados pelas conversas, abastecidos com expositores expressivos e informativos e com uma agitação de expectativa.

Thursday 13.9.2012	Friday 14.9.2012	Saturday 15.9.2012	Sunday 16.9.2012
	9.00 – 10.30 The human soul, a dramatic battleground The challenge of the consciousness soul <i>Ad Dekkers</i>	9.00 – 10.30 The human body as organ mirroring Psychosomatic and psychiatric disorders <i>Michaela Quetz, Wolfgang Rissmann</i>	9.00 – 10.30 The healing power of the human spirit <i>Peter Selg</i>
	Break, 10.30 – 11.15	Break, 10.30 – 11.15	Break, 10.30 – 11.15
13.30 Lecturers' meeting	11.15 – 12.30 h Work in small groups on core questions of social health <i>Groups are assigned at the start of the conference on 13 September as part of the Welcome and by notices</i>	11.15 – 12.30 Work in small groups on core questions of social health	11.15 – 12.15 Work in small groups on core questions of social health
	Lunch break, 12.30 – 14.00	Lunch break, 12.30 – 14.00	Conference ends, 13.00
14.00 – 15.15 Working groups and meetings of professional groups	14.00 – 15.15 Working groups and meetings of professional groups	14.00 – 15.15 Working groups and meetings of professional groups	
	Break, 15.15 – 15.45	Break, 15.15 – 15.45	
15.30 h Welcome Concert (in preparation)	15.45 – 16.45 Forum Work on rhythm in the therapeutic process and in prevention Henning Elsner, Andreas Laubersheimer, Christian Schopper <i>Moderation: Michaela Glöckler</i>	15.45 – 16.45 Forum Quo vadis anthroposophic psychiatry, psychotherapy and psychosomatics? <i>Henriette Dekkers, Matthias Wildermuth, Michaela Quetz, Wolfgang Rissmann</i> <i>Moderation: Harald Matthes</i>	
Break, 16.45 – 17.15	Break, 16.45 – 17.15	Break, 16.45 – 17.15	
17.15 – 18.45 Seminars and working groups	17.15 – 18.45 Seminars and working groups	17.15 – 18.45 Seminars and working groups	
Break, 18.45 – 20.00	Break, 18.45 – 20.00	Break, 18.45 – 20.00	
20.00 – 21.30 Artistic prelude	20.00 – 21.30 Artistic prelude	20.00 – 21.30 Artistic prelude	
Depression as an existential experience at the abyss of being The task of transformation in the face of the Great Guardian of the Threshold <i>Henriette Dekkers</i>	Psychotic experience as a loss of one's power of judgement The stronger search for true reality <i>Wolfgang Rissmann</i>	About the karmic causes of psychopathological phenomena What can psychiatry learn from the figure of Maria in Rudolf Steiner's Mystery Dramas? <i>Michaela Glöckler</i>	<i>Subject to amendment!</i>

Para mim, a notável e coerente orquestração dos seis destaques principais impressionou profundamente. Enquanto o mundo continua a girar sem controle e a incidência da psicopatologia se torna epidêmica de modo crescente, não poderia haver melhor sinal de esperança que os esforços dos profissionais psiquiatras, psicoterapeutas e terapeutas psicossomáticos antroposóficos reunidos para partilhar temas e insights sobre nossa tarefa comum. Um dos aspectos mais desconcertantes na história da antroposofia tem sido a falta de pesquisa destinada à crescente área da psicologia. É chegado o tempo de trazer para essa área a sabedoria que a ciência espiritual tem para comunicar. A conferência representa um estridente apelo para todos os antropósofos, atuando em qualquer área dos cuidados anímicos, se empenharem e partilharem seu trabalho com todos e para todos.

Os seis destaques foram organizados partindo-se da alma para o corpo e para o espírito. Tentarei lhes dar uma avaliação livre dos elementos fundamentais trazidos em cada conferência. Meu comentário pessoal está entremeadado nesse relatório e resumido na conclusão do mesmo. Embora aqui eu utilize a terminologia antroposófica, o leitor pode facilmente encontrar explicações desses conceitos na literatura disponível. As partes novas e excitantes são as aplicações da antroposofia nas tarefas da psicologia (nas formas nomeadas pela conferência: psiquiatria, psicoterapia e psicossomática).

Depressão como experiência existencial nas profundezas do ser: a tarefa de transformação frente ao Grande Guardião do Limiar, por Henriette Dekkers.

Seu tema definiu um tom de interiorização. Henriette referenciou a palestra de Rudolf Steiner (GA 168) para identificar como encontrar a necessidade anímica de nosso tempo. A necessidade anímica de buscar entendimento mútuo persiste como dor no coração humano. Apesar disso, influências perturbadoras, que surgem instintivamente de encarnações passadas, continuam a agir contra aquela necessidade de entendimento mútuo. Com essas observações na abertura da palestra, Henriette descreveu o dilema universal da vida anímica. Como abrir espaço na alma para que o outro possa me despertar para mim mesmo? Como posso fazer isso sem violar o espaço “Eu/Você”, sem o meu temor pelo outro?

Citando o *Journal for Psychotherapy* (novembro de 2011), trouxe ao auditório uma realidade muito sombria a espreitar nossos tempos – a realidade do desespero anímico. Ela citou um jovem de 18 anos de idade “em meu interior vive o nada total... Pertencço a uma geração que é um fracasso total... estamos, pois, condenados a nos extinguir”. Acompanhando esta atormentada afirmação surgem as estatísticas: 50% das depressões terminam em suicídio; ocorrem um milhão de suicídios anuais no mundo; o suicídio é a quarta maior causa de morte nos EUA; e outros fatos sombrios. Essas estatísticas podem ser aterradoras. Apesar disso, são inúteis por nada informar sobre os casos individuais de suicídio. O mais importante é saber como cada indivíduo se tornou deprimido e como isso impulsionou ações suicidas. Nossa pesquisa não deve isolar as causas das estatísticas. Nossa pesquisa é mais bem orientada na direção das razões que levaram indivíduos a sair da vida antes que a tenham vivido.

As revistas de psiquiatria e de psicoterapia estão cheias de estatísticas. Isto – nos referimos no singular como “coisa”, um patrimônio da era moderna – se tornou o instrumento supremo de mensuração. Mas o que realmente ela mensura? Em sua maior parte, ela ultrapassa as reais condições da alma humana. A estatística é a expressão da ciência do materialismo. E, como tal, nega que o ser anímico tenha qualquer significância frente aos números de suicídios ocorridos. No GA 172, Steiner descreve o inexorável poder do materialismo em degenerar a dignidade do ser humano em cada geração que o vivencia como visão dominante de mundo. No final, o ser humano será reduzido a um número, um número menor que zero. Nada diferente do que o jovem disse, “em meu interior vive o nada total”.

Henriette, então, passou a descrever um caso que atendeu em sua clínica. Era um jovem que experimentava depressão e ideação suicida. O fator desencadeante neste relato de caso foi uma breve conversa entre esse jovem e seu pai. O pai era cientista. À época, o jovem vivia profundos questionamentos existenciais. O jovem perguntou ao pai: “O que acontece quando morremos?”. O pai lhe respondeu: “Você se dissolve e nada resta”. Henriette foi então capaz de resgatar o que o jovem sentiu após essa conversa. Ele afirmou ter se tornado insensível; o frio e a indiferença cresceram duplamente fortes em sua interioridade. Ela refletiu sobre esse caso em particular como clara ilustração de dois importantes pontos. O primeiro foi salientar o poder de entorpecimento do materialismo sobre a alma jovem. O segundo foi conferir um profundo insight sobre a distímia, o estado de depressão pervasiva de perda da vitalidade e contínuo estado de desinteresse. O significado grego da palavra distímia é o estado de ser sem coração ou de parada

da respiração cardíaca. Nesse fenômeno o “sim” para a vida se torna um “não”, uma terrível negação raivosa de que a vida não tem sentido (veja também o que a “ciência” e o “cientista” se tornaram!).

Os sintomas clássicos da depressão foram explicados em detalhe, porém o interesse de Henriette não estava na caracterização diagnóstica e sim em destacar a perda da vontade pelo carma e em como, na depressão profunda, o “eu” e a alma não eram capazes de permear o corpo.

Destacando uma palestra de Rudolf Steiner (GA122) de 1922, Henriette falou de um tempo em que o desenvolvimento do ser humano esteve basicamente sob os poderes dos Espíritos da Forma (NT. Potestades ou Elohins), especialmente do nascimento até a puberdade. Contudo, em nosso tempo (era de Micael), os Arcontes, Espíritos da Personalidade, apresentam um profundo impacto formador no desenvolvimento do ser humano.

Nesse ponto da palestra, Henriette articulou alguns conceitos antropológicos sobre o desenvolvimento humano, relevantes para a vida anímica. Destacou a crítica passagem pela adolescência. Durante esse período a tarefa de desenvolvimento é despertar para o aspecto espiritual e social que nos cabe mutuamente como humanidade. O tema educacional da alma é aprender sobre o sacrifício necessário para se tornar um genuíno ser social; ocorrem transformações da vontade como as que são evidenciadas no sistema metabólico; e ocorre a maturação dos lobos frontais, promovendo o despertar da faculdade de julgamento (sobre o tema julgamento também veja adiante a palestra de Wolfgang Rissmann).

Embora Henriette não tenha feito referência explícita sobre a importância do retorno do nó lunar na idade dos 18 anos e meio, ela destacou a passagem pela adolescência como um tempo de permanecer frente ao limiar do mundo espiritual de modo inteiramente novo. Nesse limiar, o adolescente é capaz de experimentar pensamentos permeados pela vontade. É um momento de receber à noite, durante o sono, vislumbres das resoluções pré-encarnatórias e todo o carma a elas relacionado. Durante o dia, o adolescente busca um modo de tornar realidade tais resoluções pré-terrestres. O que desponta nesse período de vida são forças da memória sobre as quais o Eu flui na vida terrestre. Se esse fluxo for bloqueado ou impedido de ocorrer, então o Eu não pode penetrar plenamente na alma ou no corpo. As formas pensamento do materialismo apresentam o efeito de impedir e bloquear a alma encarnante e o Eu. Sabendo disso nós, como psicoterapeutas antropológicos, devemos infundir em nosso trabalho a necessidade de reeducar adolescentes e adultos a superar o medo da morte e a extinção da alma, reforçando-lhes a fé na realidade espiritual de nosso ser.

Frases de jovens como “Sem medo” ou “Mate ou seja morto” e jogos eletrônicos projetados para suportar tais frases são sintomáticos de um tempo perigoso. A estimulação externa, presente nas formas de assassinatos virtuais, entorpece a alma para a tarefa urgente de nosso tempo – a de encontrar as almas dos mortos no outro lado do limiar, inclusive daqueles que tiraram a própria vida. Henriette concluiu sua palestra com uma breve inferência que deveríamos estar conscientes de que o Grande Guardião do Limiar aguarda nosso reconhecimento consciente da comunidade dos vivos e dos mortos. Ao identificar quem morreu na vida do paciente pode-se, mais conscientemente, buscar ajuda deles, bem como auxiliar o paciente a experimentar um autodesenvolvimento apropriado. Realmente uma ideia surpreendente! De modo fantástico, a palestra de Henriette terminou no ponto de despertar uma forma inteiramente nova e provocadora de impulso terapêutico.

A alma humana, uma batalha dramática: o desafio da alma da consciência, por Ad Dekkers.

Ad Dekkers afirmou não haver melhor local para se buscar uma abordagem psicoterapêutica do destino humano que considerar seriamente os versos da Meditação da Pedra Fundamental, de Rudolf Steiner, proferidos no Natal de 1923, em Dornach, Suíça (GA260). Ele

ênfatezou como, ao longo da 1ª Guerra Mundial, Steiner buscou uma abordagem curativa que fosse universal na extensão e na aplicação prática. Dekkers afirmou que a resposta de Steiner para os conflitos do mundo moderno e o poder da cura repousava no entendimento da “trimemoração”.

A partir desse ponto inicial, Ad apresentou a trimemoração como necessária para entender a vida anímica. Porém, mais do que apresentar explícita e esquematicamente a natureza trimemorada da vida anímica, ele teceu uma explanação descritiva da prática da psicoterapia. Ad afirmou, “A psicoterapia é lidar com o que o cliente experimentou e como isto se tornou memória na alma”. Não apenas é importante a maneira pela qual os eventos se tornaram memórias significativas, mas também como as memórias podem expressar tanto sobre a disposição do cliente para a vida quanto sobre como o evento percebido é fundamental para a psicoterapia. No primeiro aspecto do processo psicoterapêutico, somos confrontados com um dilema peculiar ao ser humano. É a cisão kantiana entre a percepção da coisa em si e a experiência do objeto percebido. A lacuna entre as duas é perturbadora, particularmente no mundo atual em que a tecnologia avançou ao ponto em que podemos manipular percepções segundo nossas próprias opiniões. Pela magia tecnológica, a base completa de nossa realidade está agora alterada em panoramas de ilusões virtuais.

Apresentando breve história da percepção partindo de um campo de experiência mais unificado para uma visão altamente diferenciada, Ad Dekkers destacou a perda da antiga forma de experimentar nossa união com todos os objetos de percepção. Discorreu sobre a afinidade entre o ar e as experiências da alma humana com o mundo externo. A antiga ioga de inspirar o divino e de expirá-lo em seguida não é mais nossa atual experiência. Precisamos de uma nova ioga. Ad citou as conferências de Steiner sobre a era de Micael como um tempo em que uma ioga dos sentidos necessita ser desenvolvida. Assim cada percepção sensorial pode ser experimentada como algo espiritual ao adentrar na alma. Como os sentidos trazem a marca do Divino, a vontade da humanidade desperta na alma humana como desejo de conhecer novamente o Divino. Por isso, a psicoterapia é a proposta de intensificar nossas percepções. Pois, ao final do dia, é a força das percepções que molda a nossa vida. Acrescido a essa atividade está o axioma socrático de examinar a própria vida, isto é, se dedicar em pensar como forma de conferir significado às experiências da vida.

Esse elemento do processo psicoterapêutico assinala o segundo âmbito da alma. É uma passagem das experiências da Alma da Sensação (ou senciente) – com percepções e sensações estimulando a vida dos sentimentos – para as experiências da Alma da Compreensão – na qual a busca por significado se torna soberana. Ad ênfatezou como o pensamento não apenas permite ver-se a si mesmo como ser independente, mas também ajuda a ver como se deve ser e quanto de si permanece um trabalho incompleto. Essa experiência final de se pensar sobre a vida como algo vivido, não vivido e ainda a ser vivido favorece a alma a encontrar o Pequeno Guardião do Limiar.

Cada cliente que está frente a esse encontro busca responder à pergunta “Quanto autoconhecimento posso suportar?” A natureza humana saudável responde a esse encontro com a “emoção de cor avermelhada” da vergonha. De modo não judicioso devemos aprender a acolher essa experiência interior de vergonha como catalisadora para o autodesenvolvimento.

Ad Dekkers retornou ao tema sobre psicoterapia e ofereceu um crucial insight para o psicoterapeuta. “Se você elaborar seu diálogo em base de percepção e não de interpretações, então o cliente pode manter sua vergonha para si”. Assim o espaço entre o psicoterapeuta e o cliente pode permanecer livre da qualidade tóxica da vergonha prematuramente exposta. Ouvir compassivamente o drama de alma do cliente e sentir todas as polaridades de dor e prazer, bom ou mau, etc., é sempre o fator essencial na criação de espaço terapêutico seguro para emergir a cura.

“A Ciência Espiritual é uma alternativa para trazer o que vive à noite no inconsciente para a consciência durante o dia e, dessa maneira, encontrar o verdadeiro modo de lidar com o nosso carma e destino”, afirmou Ad Dekkers. Se recobramos o que vive em nosso inconsciente para a

consciência podemos libertar nossa alma de se sentir vítima de forças fora de nosso controle. A dor e o prazer podem então ser vistos como lições de que aprendemos. A alegria do prazer pode nos dar forças para seguir nosso destino, e as dores em nossas lutas podem nos dar maior consciência do que nos confronta como nosso carma. Ad afirmou que devemos aprender a apreciar ambas, pois o Eu e as forças do carma e do destino são uma só. Citou as descrições que Steiner forneceu sobre a experiência anímica na Meia Noite Cósmica entre a morte e o renascimento. Ali o Eu e o ambiente circundante coexistem em uma realidade unitária em que o novo destino é forjado.

Na sequência, Ad compartilhou a experiência que todos temos com nossa própria vontade. Disse, “o que vocês querem em sua vontade, vocês realmente não sabem. Tomam decisões e, então, rapidamente as esquecem à medida que o dia passa”. Tal observação aponta para o terceiro estágio do processo psicoterapêutico. Ele se focaliza na vontade e na natureza da Alma da Consciência. Ser capaz de perguntar aos clientes como a vida irá mudar para eles se seguirem adiante com resoluções que emergiram ao experimentar verdades em sua alma é uma pergunta muito essencial. É uma pergunta que tem o poder de trazer o carma para a consciência. Esse é um ponto subestimado até mesmo nas melhores práticas psicoterapêuticas convencionais.

Seguir esses três estágios da alma (Sensação, Compreensão e Consciência) e oferecer ao cliente uma educação de como transformar a percepção em relação às sensações e aos sentimentos, como desenvolver capacidade de pensar verdades através de ilusões e como pressentir as resoluções da vontade para mudar a própria vida é o caminho oferecido por uma psicoterapia antroposófica. Dessa maneira, podemos assegurar que uma vida anímica saudável seja alcançada e mantida enquanto o carma e o destino do cliente o conduzem a encontros conscientes com o Pequeno Guardião do Limiar.

Experiências psicóticas como privação do poder de julgamento pessoal, por Wolfgang Rissmann

Perder o próprio poder de julgamento e mergulhar em experiências psicóticas são tendências básicas em qualquer pessoa. Ao se encontrar tal dinâmica no ambiente clínico e não clínico geralmente nos perguntamos sobre a situação do Eu do indivíduo submetido ao quadro de psicose: “Você está ou não está aqui? Se não está aqui, onde está você?” É óbvio, verbalizar tais perguntas para o indivíduo psicótico é geralmente de pouca valia.

Como sabemos, o poder de julgamento é parte central de nosso Eu. O que o restringe? O que o distorce? O que o desloca? Como pode ser realçado e protegido? Essas são questões com que nós, clínicos, deparamos constantemente. É um dos maiores enigmas e desafios que encaramos.

Wolfgang Rissmann retomou o principal tema trazido por Ad Dekkers em sua palestra sobre a concepção da trimembração humana e como o decreto da Igreja de 869 A.D. distorceu tal imagem sagrada do ser humano. (O evento de 869 é uma das inúmeras referências que exigem um background em estudos antroposóficos; na maior parte, minhas anotações estão disponíveis e não tenho aqui espaço para explicitar todas as referências). Neste decreto da Igreja, a alma e o espírito estavam reunidos em um só e, posteriormente, o espírito foi completamente rejeitado e esquecido. Como consequência, o dualismo do corpo e da alma foi formulado e, mais tarde, foi desenvolvido pela argumentação filosófica por René Descartes (NT. 1596-1650). Rissmann concluiu que a perda do poder de julgamento foi semeada com o desaparecimento da concepção de espírito no interior do ser humano.

Rudolf Steiner nos instrui claramente a identificar o conceito vivo do Eu no espírito. As mais modernas definições do Eu são meras abstrações. Nossas experiências de vida revelam dois únicos aspectos disponíveis em relação ao tema em questão. O primeiro é que vivemos em uma espécie de vasto oceano anímico de sentimentos, pensamentos e volições. O segundo aspecto é que o Eu parece surgir de outro mundo. Ao adentrar no âmbito da alma, o Eu reúne as três forças anímicas

e confere ordem e significado. Promove isso operando através dos ritmos na vida. O Eu vive nesses ritmos como a presença do equilíbrio. Ele promove a atividade de ponderação na alma. Tal atividade é conhecida como julgamento. O Eu está constantemente avaliando a atividade anímica de produzir imagens mentais. Essa capacidade de julgamento é a mais importante atividade espiritual do Eu. Ela nos permite distinguir a realidade do engano. Na psicose, a realidade não consegue ser distinguida. Desse modo, a pessoa dominada pela psicose tem grande porção de sua alma aprisionada. Julgar é condição prévia para a liberdade e precisamente isso não é possível na psicose.

Em um mundo caminhando para a loucura é exatamente essa faculdade de julgamento que necessita ser intensificada. Contudo, com a crescente ausência de ritmo em nosso mundo pós-moderno, o Eu, que necessita de um corpo etérico saudável para encontrar sua ponderação, está sendo desafiado em cada novo entretenimento tecnológico. Manter a atenção está se tornando uma capacidade rara. O aumento espectro autista é apenas um dos indicadores a confirmar esse fenômeno de perda de julgamento. A estatística que revela que 1% da população mundial tem esquizofrenia é ainda outro indicador. De fato, sua existência global elimina qualquer ideia baseada em fatores culturais. A esquizofrenia é expressão do carma do mundo (diferente do carma pessoal).

A noção prevalente cita como causa da psicose a disfunção do cérebro; Rudolf Steiner descreve essa causa como secundária. Ele retrata a causa primária como sendo os distúrbios renais e sua instabilidade proteica. A pesquisa de Rudolf Treichler identificou contagem oscilante de proteína dos esquizofrênicos. Todas as medicações antipsicóticas reduzem os sintomas, mas falham em tangenciar a causa raiz da psicose. Conseguir isso significaria avançar no entendimento dos órgãos internos e seus relacionamentos com a alma com a mesma eficácia que a neuropsicologia obteve na compreensão do funcionamento do cérebro físico em relação aos processos cognitivos.

Após mencionar quatro tipos de doenças mentais – espectro autista com episódio psicótico breve devido a distúrbio sensorial, anorexia nervosa com episódio breve de psicose, transtorno de personalidade borderline com psicose crônica e demência com perda do Eu e da faculdade de memória – Rissmann enfatizou a necessidade de fortalecer o Eu através de diferentes manifestações de arte, artesanato e terapias pelo movimento. Seu último apelo foi encorajar os que trabalham com clientes diagnosticados com psicose para que busquem maneiras de ampliar o sentido de encarnação dos clientes. Embora o mistério da psicose possa ainda nos deixar perplexos, a disposição para ajudar os clientes a encontrar seu caminho de volta para o corpo continua a ser uma consistente abordagem de tratamento. O destino humano apenas pode ser alcançado quando o Eu está encarnado.

O corpo humano como organização a espelhar transtornos psicossomáticos e psiquiátricos, por Michaele Quetz e Wolfgang Rissmann

Michaele Quetz iniciou sua apresentação lembrando-nos que, embora as práticas antroposóficas tomassem o corpo como fundamento da vida anímica, a ciência convencional o via como algo materializando processos químicos e fluxos neurológicos que impactam o funcionamento da mente. Neste último paradigma ainda persiste a questão a ser respondida: “O neuropsiquismo é a causa ou o efeito das alterações psicológicas?”. Apesar da inabilidade para responder conclusivamente tal pergunta, a moderna visão do corpo como máquina complexa produziu inúmeros e positivos avanços na medicina. Porém, o entendimento da espiritualidade do corpo está muito deficiente.

Nossos antepassados percebiam o corpo humano como um templo dos deuses. Como tal, um profundo sentido de reverência era dirigido ao corpo humano. Nossa tarefa é reafirmar e articular o íntimo relacionamento entre as conexões fisiológicas e psicológicas. Nas palestras de

Rudolf Steiner, *Enigmas da Alma* (1917), essas conexões são reveladas. Steiner aponta as seguintes correspondências: o cérebro e o sistema nervoso estão ligados à faculdade anímica do pensamento, o coração e o sistema respiratório estão ligados à faculdade anímica do sentir e o sistema metabólico e dos membros, à faculdade anímica da vontade. No ano anterior, 1916, Steiner afirmou que a origem da consciência não é produzida pelo cérebro. Em vez disso, ela é a expressão da capacidade anímica e espiritual do ser humano quando espelhada através do corpo. Acrescentou que tais espelhamentos são processos reais de fragmentação, de natureza catabólica.

Quetz então passou a descrever os conceitos fundamentais da abordagem terapêutica antroposófica psicossomática. Caracterizou a natureza quadrimembrada humana e sua relação com os quatro sentidos corporais nos anos formativos até os sete anos de idade. Também observou que os sete primeiros anos de vida são fundamentais para o estabelecimento do sistema neurossensorial. Durante esse período, enquanto o corpo passa por enorme crescimento físico, se estabelece uma base para a consciência do mundo. Quetz fez breves observações sobre a importância da abordagem da salutogênese como medida proativa de prevenção às tendências patológicas.

Elemento	Corpos	Sentidos	Salutogênese	Patologias
Terra - forma	Físico	Tato	Cuidados físicos, tato amoroso do corpo como um sentido de religiosidade e espiritualidade	Privação e falta de cuidados, experiências traumáticas por abuso
Água - fluido	Etérico	Vital, bem estar	Vida rítmica como experiência revitalizante, criação de atmosfera significativa e feliz	Dificuldade de apego e ansiedade, provocando dificuldades de ajustamento e operacional, transtornos da conduta social, comprometimentos no controle dos impulsos
Ar – aéreo	Astral	Movimento	Autonomia e exploração do espaço ao redor como potencial para a experiência de liberdade	Habilidades comprometidas de enfrentamento, tendência a transtornos de personalidade, de sexualidade e a atividades do tipo aditivas
Fogo - calor	Eu	Equilíbrio	Desenvolvimento da consciência de si e do mundo	Despersonalização e temas de dissociação de identidade

Quetz utilizou esse modelo ao apresentar estudo de caso.

Rissmann seguiu os conceitos básicos e um estudo de caso com a visão da abordagem antroposófica de desenvolvimento. Descreveu os temas das idades dos 7 aos 14 anos como período de desenvolvimento do sistema rítmico. Tanto a vida de pensamentos na alma quanto os comportamentos de hábitos significativos são críticos nessa fase do desenvolvimento. Para a criança viver essa fase, Rissmann afirma que é importante estimular sua atenção para adultos que ajam com autenticidade. Esses fatores de salutogênese quando estimulados fortalecem o corpo etérico, a organização vital. Toda exposição e imitação da realidade e das mentiras virtuais corrompem e exaurem o corpo etérico. Doenças psicossomáticas de longo prazo podem ser identificadas em todas as formas de transtornos do pensamento.

A fase do desenvolvimento dos 14 aos 21 anos de idade compreende inúmeras alterações físicas. Nesse período, o sistema metabólico e dos membros amadurece. Rissmann falou como esse período é crucial para aprender a lidar com as três forças da alma do pensar, sentir e querer. Enfatizou a presença de genuínos interesses no mundo. Associado à decisiva consideração por ideais se encontra o saudável desenvolvimento do corpo astral. Rissmann observou que se não houver satisfação em buscar interesses ou ideais relativos ao mundo ao redor, o jovem é capaz de

perder seu apetite pela vida (NT “gosto pela vida”). A ânsia e a esperança por pleno engajamento na vida é então geralmente substituído por ampla variedade de adições.

Dos 21 aos 28 anos de idade, ocorre o nascimento do Eu. Rissmann destacou como o Eu tenta sensibilizar o corpo astral e estimular o corpo etérico trazendo consigo a centelha de entusiasmo das esferas espirituais. Se o Eu não conseguir penetrar plenamente nos corpos, então geralmente ocorre a somatização. Há uma prática antroposófica de abordagem multimodal para o tratamento da somatização (NT. Arnold A. Lazarus). Os tipos específicos de tratamento precisam se originar do conhecimento de quando surgiram as doenças somatizadas e quais sentidos necessitam de terapêutica. Tal terapêutica pode advir do próprio conjunto de habilidades do terapeuta ou de encaminhamento para um terapeuta com um conjunto de habilidades adequadas. No processo do trabalho de assistência à pessoa com manifestação de doença somatizada, o terapeuta mantém elevado grau de empatia enquanto ambos exploram os inúmeros eventos e emoções surgidos na biografia. Rissmann acrescentou a esse modelo a necessidade de evitar falar sobre o diagnóstico enquanto explica claramente cada intervenção. Tais critérios são muito similares ao esquema de *reparenting* (NT. Jeffrey Young) da psicologia convencional.

“A psicoterapia antroposófica sempre é iniciada se dirigindo ao Eu”, afirmou Wolfgang Rissmann. Contudo, tal foco sobre o Eu não deve diminuir a importância de entender como os sentimentos impactam tanto a vida anímica quando a saúde do corpo. A abordagem psicossomática antroposófica se baseia nas perspectivas médicas das organizações corporais e nos processos encarnatórios ao se conectar com o desenvolvimento biográfico que conduz as forças do carma e do destino para a vida na Terra.

Sobre as causas cármicas dos fenômenos psicopatológicos, por Michaela Gloeckler

“A principal arte de ser capaz de avaliar o complexo destino humano é uma das mais inconfundíveis capacidades que define a abordagem da psicoterapia antroposófica”. Essa foi a afirmação inicial de Michaela Gloeckler. Ela passou a descrever quão importante era para nós realizar um profundo inventário sobre as muitas organizações (antroposóficas e não antroposóficas) com que estamos envolvidos nesse momento. Um inventário assim honesto, disse Gloeckler, estabelece um passo inestimável para entender a necessidade de desenvolver perspectivas terapêuticas e sociais baseadas na realidade das configurações cármicas. Com esse argumento ela foi capaz de destacar um elemento da terapia social ainda não referenciado na Conferência.

Gloeckler retomou um dos temas enfocados por Henriette Dekkers na palestra de abertura e ofereceu um modo de associá-lo na tarefa de desenvolver perspectivas sociais terapêuticas. O tema dos mortos, segundo ela, desempenha importante papel na avaliação de como o carma está envolvido em todas as dificuldades psicoterapêuticas. “Cada ser vivo é um canal para os desencarnados participarem nos assuntos da Terra”. Quando nos perguntamos, e aos nossos clientes, pelos mortos que foram importantes em nossas vidas de alguma maneira, abrimos as portas da percepção para ouvir mais aguçadamente as vozes dos falecidos. Embora Gloeckler interrompesse antes de fornecer intervenções psicoterapêuticas mais específicas, ela destacou a importância dessa apropriação.

Referindo-se às palestras de Steiner conhecidas como Medicina Pastoral (1924), Gloeckler estabeleceu a semelhança entre o psicoterapeuta antroposófico, que trabalha com temas interpessoais do cliente e tenta guiá-lo na harmonização com os fatores cármicos subjacentes, e o religioso no altar dirigindo um sacramento. Uma vez mais, Gloeckler não forneceu indicações precisas para o psicoterapeuta antroposófico, mas trouxe vigorosa imagem com espectro social curativo. Realmente a analogia enfatiza as qualidades pastoral e sacramental essenciais para um psicoterapeuta antroposófico estar consciente e facilitar as trocas psicoterapêuticas.

A harmonização do carma como forma de libertar as forças do destino entre os envolvidos não é matéria que possa ser imposta com a técnica psicoterapêutica. Geralmente, o sofrimento de longo prazo é sintoma de desarmonia no carma presente e, como tal, não é algo que se possa mudar por expressão da vontade. Exige um relacionamento mais profundo com quem sofre, um relacionamento que dirija os sentimentos para o âmbito do entendimento. A partir desse espaço mais profundo, pode-se tomar decisões e resoluções livres que evoquem o espírito da cura. Gloeckler discorreu sobre esse processo ao vê-lo atuando na vida de Zeylmans Von Emmichoven (NT. 1893-1961) e seu relacionamento com a Sociedade Antroposófica. Ela também se referiu à harmonização positiva do carma que permitiu a Rudolf Steiner e Ita Wegman promover destinos colaborativos ao revelar os novos mistérios inerentes à medicina antroposófica.

As complexidades do carma em relacionamentos, grupos e organizações não se revelam facilmente para a lógica intelectual. Gloeckler evocou um entendimento da lógica moral. Seu cristalino ponto de partida para essa espécie de pensamento repousa na percepção de que a causa fundamental da doença anímica é o resultado da falta de interesse pela vida do outro. Com tal consciência, se torna muito claro que o calor do interesse pelo outro deve existir para que haja base verdadeira para cura de sequelas do carma não resolvido e desarmonioso.

O poder curativo do espírito humano, por Peter Selg

Peter Selg iniciou sua apresentação com a evocação do evento ocorrido no Salão Branco do Goetheanum há 90 anos – a primeira celebração do Ato de Consagração pelos sacerdotes da Comunidade de Cristãos. Foi no Salão Branco que se iniciou o incêndio que destruiu o primeiro Goetheanum. Seria esse um exemplo do carma a que Michaela Gloeckler se referiu? Fica bem claro que Steiner associou a falta de interesse na importância da Sociedade Antroposófica com o incêndio que destruiu o edifício.

Destacando o título de sua palestra, Selg enfatizou a necessidade de recuperar os conceitos de corpo, alma e espírito em vez de simples abstrações. “O espírito é o centro humano, a alma é a mediadora e o corpo recebe o espírito”. Além disso, afirmou Selg, a alma como mediadora experimenta o timbre, a tonalidade das experiências de vida e as comunica ao espírito. O que vive como ideia no espírito se torna na alma um desejo de se manifestar no mundo físico. A ideia da alma como mediadora não é apenas uma ideia antroposófica. Está presente no referencial psicológico de Karl Jaspers ao colocar a psicologia como a medicina para a alma.

Selg descreveu as doenças da alma como alterações temporais e espaciais ocorrendo caoticamente. A irregularidade de tais alterações necessita ser ordenada. Neste sentido, reside a missão da psicoterapia. A força curativa do espírito está no psicoterapeuta. No empenho de conferir lastro a essa declaração, Selg mencionou um trecho do Ato de Consagração do Homem em que se afirma que a alma deve morrer. Realmente uma afirmação perturbadora e curiosa! Selg ofereceu sua interpretação. “Se o mundo físico se tornar muito dominante em nossas vidas, então a alma pode ser submetida à morte”. Como pode isto acontecer? É uma questão de alterações na evolução do relacionamento da humanidade com o espírito. Para o mundo espiritual, a tarefa do Guardiã do Limiar é evitar que as almas levem materialidade através do limiar. É o mundo espiritual que mantém as forças de revitalização que nossa alma traz para o corpo todas as manhãs. Se a alma for impedida de ter acesso às forças do mundo espiritual, pode-se instalar nela uma paralisia e uma inércia mortal, conduzindo-a à morte. Esse fenômeno está se multiplicando rapidamente. É o resultado de gerações sendo submetidas ao materialismo e sem forças para cruzar o limiar para o mundo espiritual. Tal fenômeno se reflete no número cada vez maior de pessoas no planeta com distúrbios de sono. O efeito dessa inabilidade para cruzar o limiar reduz a capacidade de pensar verdadeiramente. Em vez de pensar, os seres humanos estão se tornando rígidos por instintos desenfreados. Os seres humanos estão se assemelhando a animais. Realmente um sombrio prognóstico!

Tal perda de orientação apresenta graves consequências para o controle de ideias. Essa desorientação é a precursora da perda de nosso Eu, nosso autêntico Self. A consciência pode apenas experimentar escuridão nesse estado. É o Eu que confere luz aos nossos pensamentos. A única maneira saudável em nosso tempo para experimentar o espírito é através do pensamento, pois o pensamento é uma atividade espiritual. O Eu jamais fica doente. Contudo, nem sempre está presente. Em sua ausência, a alma se torna doente. O Eu é inacessível à doença, pois transcende o espaço e o tempo. Ele nunca está plenamente encarnado. Ele existe no presente através de sua natureza eterna. Cada percepção do agora é uma realidade conquistada pelo Eu ativado.

Uma das características exclusivas do ser humano é sua capacidade de originar doenças anímicas. O ser humano não apresenta doenças anímicas que não tenham sido criadas. O ser humano apresenta o poder de criar condições para suas próprias doenças de alma. A psicose, por exemplo, é uma tentativa de reorganizar a consciência. O Eu é realmente o orquestrador de situações que incluem dor e confusão, servindo por isso para despertar nossas almas. O Eu é também o poder que cura. Não é o psicoterapeuta e/ou a medicina que está curando, mas a ativação do poder do Eu no cliente que está curando. A cura é um gesto criativo. Na psicoterapia temos a oportunidade de evocar o mais artístico e criativo trabalho do ser humano, a biografia. Embora vivamos nossa vida dirigindo-a para o futuro, nós a entendemos em sentido contrário. O insight de eventos biográficos que modelam nossas vidas contém em sua interioridade as sementes de cura. Igualmente importante ao evocar a biografia é reconhecer a vida que não foi vivida, mas que poderia e deveria ser vivida. A vida não vivida, sem passado, é fonte de inúmeras doenças anímicas. Nesse contexto está implícito que o psicoterapeuta deve desenvolver a capacidade de ler o projeto de vida criado pelo Eu de seu cliente.

Não há conhecimento ou teorias completos do ser humano nas bibliotecas de psicologia. Não importa quantas partes tentemos reunir, o conjunto não é localizado. O todo exige uma ciência espiritual guiada por verdadeira imagem do ser humano. Desde os eventos de Auschwitz, a imagem do ser humano permanece morta. É necessária uma nova antropologia. A ideia do ser humano como animal com elevadas habilidades cognitivas ainda é prevalente em nosso tempo. Foi essa a ideia que levou ao sentimento de que seres humanos menos capazes seriam apenas uma carga para os demais; por esta razão, o extermínio de grupos de seres humanos se tornou e continua a ser uma ação aceitável.

À luz dessa situação, Selg afirmou que a tarefa da vida espiritual livre é devolver dignidade à alma humana. A antropologia antroposófica preceitua tal caminho. É saudável e capaz de fornecer o que falta no atual mundo materialista. Não há formulação mais sucinta desse restauro da dignidade humana que a Meditação da Pedra Fundamental, de Rudolf Steiner (GA 260 – 1923). Ao viver conscientemente essa meditação, somos capazes de levar a imagem do ser humano para todos os que vivem no mundo. Esse é um antídoto para a ameaçada alma humana. O materialismo ameaça trazer a morte para a alma humana. O materialismo não é apenas uma concepção falsa; é uma realidade criada por todos os que não a questionam. Exceto se for confrontado, o séc. XXI será testemunha de encarnações de seres humanos sem alma. Na Meditação da Pedra Fundamental encontramos o poder do espírito de cura falando para a alma humana. Ao unir o nosso Eu com essa Meditação, afirmamos nossa verticalidade e capacidade para trilhar nosso destino, estimulamos nossa fala a partir das forças da compaixão e criamos, a partir de intuições, o caminho para o futuro da humanidade. Defendendo a presença do Eu, podemos amar verdadeiramente a humanidade, valorizá-la realmente e enobrecê-la regiamente.

<http://www.steinercollege.edu/report-on-the-international-medical-section-conference-2012>